



## Tópico 1 – Nº 10

# O CASO MARACANÃ: A ARQUITETURA MODERNA E AS TEORIAS DE RESTAURO

**Maria Clara Amado Martins**

*Professora Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
mariaclaraamado@gmail.com*

## RESUMO

A definição de Patrimônio Cultural passa pela conscientização da importância do bem (material ou imaterial) e o valor que ele agrega à sociedade para a formação de sua identidade cultural. Nesse sentido, a teoria do restauro oferece parâmetros para o reconhecimento dos “bens de interesse”, sua preservação e o modo de atuar sobre eles. Mas, conceitualmente, torna-se necessária a criação de instrumentos para melhor percepção dos testemunhos patrimoniais de épocas mais recentes da história, especificamente a arquitetura moderna no século XX, que sofre silenciosamente a ação do tempo, seja pela falência de sua matéria ou pelo legado de testemunhar o crescimento desumano de seu próprio tempo. O estudo de caso apresentado é o Estádio Jornalista Mário Filho, conhecido como Maracanã, localizado no Rio de Janeiro, e inaugurado em 1950 com o objetivo de abrigar a Copa do Mundo de 1950. Com capacidade para 200.000 pessoas, o maior estádio do mundo tornou-se palco de grandes momentos do futebol brasileiro e mundial, por onde passaram jogadores que fizeram história, como Pelé, Garrincha, Zico, entre outros. Fatos importantes como o milésimo gol de Pelé, Copa do Mundo de Futebol de 1950, e outros torneios, contribuíram para a consolidação do Maracanã como “Templo do Futebol”. Porém, apesar do reconhecimento nacional, teve destruídas algumas de suas importantes características formais, para atender aos eventos que o Rio de Janeiro vem recebendo desde 2000, incluindo-se a Copa do Mundo de 2014.

Palavras – chave: *Maracanã, arquitetura, modernidade, restauro.*

## 1. INTRODUÇÃO

O estádio de futebol Jornalista Mário Rodrigues Filho, localizado no Rio de Janeiro e conhecido mundialmente como Maracanã, serve como estudo de caso para uma reflexão sobre a arquitetura moderna e sua relação com as teorias de restauro. Tal exemplo deve-se ao fato de sua reforma para atender a Copa das Confederações (2013) e a Copa do Mundo (2014) estar envolvida em uma grande polêmica, pelas demolições e descaracterizações que questionam as razões para seu tombamento como bem cultural federal.

Inicialmente, urge o conhecimento das razões que levaram o estádio a ser considerado Patrimônio Cultural, cujo tombamento aconteceu em 2000. Ou seja, qualquer reflexão sobre o Maracanã passa pela conscientização de sua importância (material ou imaterial) e o valor que agrega à sociedade. Isto é, torna-se necessário o reconhecimento de sua história para entender a sua importância cultural.

A seguir, é necessário compreender a relevância do estádio enquanto edifício representante da arquitetura moderna, o ineditismo e a ousadia de seu projeto, que também agregaram valor cultural e, a sua importância formal e estrutural.



Finalmente, torna-se mister estabelecer o diálogo com as Teorias de Restauo que permearam a proteção do Maracanã enquanto bem tombado pelo IPHAN, e também, as diversas alterações construtivas que o mesmo sofreu, envolvendo-o em diversas polêmicas. O cruzamento de todos estes dados tornará possível uma reflexão urgente sobre os limites e os “deslimites” da restauração.

## 2. MARACANÃ – HISTÓRIA E CULTURA

A definição de Patrimônio Cultural é encontrada em diversas leituras e por muitos autores. Em todas são valorizadas as realizações do homem, o meio que o circunda e a transformação dos recursos da natureza em prol de suas necessidades. Segundo o Professor Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, Olinio Coelho, “Patrimônio cultural é todo o meio ambiente criado pelo homem, incluindo-se os sítios onde se instala necessários à sua vivência social.” [1]

Embora esta seja uma definição abrangente, dá conta de alguns aspectos relevantes, especialmente quando pensamos no “meio ambiente” criado pelo homem, pois aponta uma dimensão social e não apenas física.

O fato é que o Estádio Mario Filho foi considerado Patrimônio Cultural e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2000, inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

Há uma conceituação de Patrimônio Cultural, mais complexa, que também colabora não só para a construção da história do Maracanã, como para a construção dos valores culturais legitimados pela sociedade.

Patrimônio é o conjunto dos bens móveis e imóveis cuja conservação seja de interesse social, quer por sua vinculação com fatos históricos memoráveis, quer por seu excepcional valor artístico, arqueológico, etnográfico, bibliográfico, compreendendo os monumentos naturais, os sítios e as paisagens que sejam importantes conservar e proteger, pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana. [2]

Neste caso, para entender o valor histórico e cultural do estádio, é importante perguntar: qual é a história do Maracanã ?

O estádio foi construído com o objetivo de abrigar a Copa do Mundo de 1950, localizando-se no Rio de Janeiro, na zona norte da cidade. O nome oficial do estádio, Mário Rodrigues Filho, é uma homenagem ao falecido jornalista pernambucano fundador do “Jornal dos Sports” e irmão do famoso escritor Nelson Rodrigues. Mário Filho destacou-se pelo seu esforço em construir o estádio e manter a sua localização em área urbana.

O nome popular é oriundo do Rio Maracanã, que cruza a Tijuca passando por São Cristóvão, desaguando no Canal do Mangue antes do deságue na Baía de Guanabara. Em língua tupi, a palavra *maracanã* significa "semelhante a um chocalho". Antes da construção do estádio, existia, no local, grande quantidade de aves vindas do norte do país chamadas *maracanã-guaçu*. Devido à construção do estádio, foi criado o bairro do Maracanã, onde o estádio fica localizado, próximo ao bairro da Tijuca.

O Rio de Janeiro, então capital do país, precisava de um grande estádio. Com capacidade para 200.000 pessoas, o projeto vencedor foi apresentado pelos engenheiros-arquitetos Miguel Feldman, Waldir Ramos, Raphael Galvão, Oscar Valdetaro, Orlando Azevedo, Pedro Bastos e



Antônio Carneiro. Considerado o maior estádio do mundo, em pouco tempo tornou-se palco de grandes momentos do futebol brasileiro e mundial, por onde passaram jogadores que fizeram história no futebol nacional e mundial, como Pelé, Garrincha, Zico, Ronaldo, e mais recentemente, Neymar, entre outros grandes jogadores.

Campeonatos importantes como a Copa do Mundo de Futebol de 1950, Libertadores das Américas, Mundial de Clubes, Campeonatos Brasileiros, Campeonatos Cariocas produziram fatos importantes que contribuíram para a consolidação do Maracanã como “Templo do Futebol”.

Ainda que inacabado, foi inaugurado em 16 de junho de 1950, com um amistoso entre as seleções do Rio de Janeiro e de São Paulo na qual o meio de campo Didi marcou o primeiro gol do estádio para os cariocas.

No mesmo ano sediou os jogos da Copa do Mundo, mostrando a habilidade do futebol brasileiro para o resto do mundo. Palco da final do campeonato, entre Brasil e Uruguai, escreveu uma das histórias mais bonitas do futebol. Um jogo épico, que marcou a nação brasileira, uma vez que o Brasil, mesmo com uma grande atuação, perdeu o jogo para o Uruguai em casa .

Foi acima de tudo, um grande drama nacional.

Adultos e crianças choraram copiosamente a perda do título produzindo imagens que correram o mundo, o que também ajudou na construção da mítica de jogar no Maracanã, conforme Fig.1. Além disso, uma vez que se trata de um tempo recente, podemos pensar na construção da “história oral” como um instrumento de perpetuação deste imaginário. Aquelas crianças que assistiram são hoje avós, mães e pais presentes que contam e recontam aquele dia para seus descendentes. Assim, aquela história transforma-se em memória.



**Figura 1 – 200.000 mil pessoas na final Copa do Mundo de 1950 - Brasil e Uruguai**

Desde então, este imponente estádio ficou marcado na história do futebol mundial, aliado ao fato de acolher grandes massas em outros momentos que ficariam também eternizados. Finais eletrizantes de campeonatos cariocas, brasileiros e até internacionais, como a Taça Libertadores das Américas, porta de entrada para o Campeonato Mundial de Interclubes. Mais recentemente, os Jogos de Panamericanos, em 2007, quando sediou as finais do futebol feminino e o Brasil sagrou-se campeão.

Pouco a pouco, o maior estádio do mundo foi somando fatos inesquecíveis para o corolário do futebol. Por exemplo, 200.000 pessoas assistiram ao milésimo gol do Pelé, conforme, contra o Clube de Regatas Vasco da Gama, cujo arqueiro era o jogador Andrada, conforme Fig. 2. Seria redundante falar da importância de Pelé para o mundo, uma vez que é considerado o maior jogador de todos os tempos, mas o milésimo gol entrou também para a história do Maracanã.



**Figura 2- Milésimo gol de Pelé, em 19 de novembro de 1969**

A rivalidade entre torcidas também marcou o imaginário dos torcedores do país e apontou a estética dos jogos do campeonato carioca, considerando os quatro grandes times da cidade (Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo). Por exemplo, o Clube de Regatas do Flamengo tem sua torcida considerada a maior do mundo, conforme assinalado na Fig.3. O escritor Nelson Rodrigues, torcedor fanático pelo time do Fluminense Football Club, deixou frases clássicas sobre seu time, como “Eu diria que já era Fluminense em vidas passadas, muito antes da presente encarnação” ou “o Flamengo tem mais torcida, o Fluminense tem mais gente!”.



**Figura 3 – Torcida do Flamengo**

Outros eventos, além do futebol, também marcaram a “aura” que ainda paira sobre o estádio. Talvez o maior deles, tenha sido o show do cantor americano Frank Sinatra, em 26 de janeiro de 1980, com transmissão ao vivo para todo o Brasil e América do Sul. Assistido por 200.000 pessoas, aquela noite ficou marcada pela magia: os “Deuses” do futebol “interromperam” uma chuva persistente na cidade, cinco minutos antes do artista entrar. Este show registrou o maior público que o cantor já teve em toda a sua carreira.

Muitos e muitos exemplos poderiam ser acrescidos a esta lista. As arquibancadas do Maracanã vislumbraram momentos inesquecíveis, entre jogos, shows e outros eventos. Mas foi o futebol que protagonizou as cenas do grande diálogo entre o estádio e com a sociedade brasileira.

Diante deste breve histórico, fica evidenciado que não se trata apenas de um estádio “carioca”. O Maracanã, pela sua história de vida, foi incorporado à cultura de uma nação. Quando reeditamos o conceito já citado de patrimônio cultural “...conjunto de bens móveis e imóveis cuja conservação seja de interesse social, quer por sua vinculação com fatos históricos memoráveis, quer por seu valor artístico...” [3], decerto não haveria dúvidas quanto à importância histórica e a relação com a sociedade.



Mais do que isso, no processo de tombamento do estádio, o encaminhamento de Cláudia Girão recomenda o tombamento do mesmo pelo valor etnográfico e também valor paisagístico, “por perceber que o Maracanã era dotado de valor histórico por ter contribuído de maneira significativa para o desenvolvimento do futebol profissional e a organização das torcidas...”[4]. Diante da indicação, o conselho consultivo do IPHAN acolhe o parecer do relator Nestor Goulart Reis Filho [5], abaixo transcrito:

O Urbanismo e a Arquitetura (sobretudo as obras de uso coletivo) têm uma dimensão simbólica, que ultrapassa os limites dos aspectos utilitários. Mas poucas vezes a monumentalidade reúne qualidades simbólicas de caráter democrático. Em geral, as obras monumentais são afirmações de poder sobre o povo. Neste caso, ocorre o contrário. O Maracanã tem a monumentalidade da massa que o utiliza, à qual representa. Não deve ser descaracterizado.

O IPHAN classifica o conjunto de bens culturais em quatro Livros de Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. A recomendação à época, feita pelos pesquisadores do IPHAN, Adler de Castro e Regina Pinheiro, foi a inscrição do Estádio do Maracanã em três Livros do Tombo: Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Histórico e Belas Artes. No entanto, em 2000, a recomendação final do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural foi a inscrição do Estádio do Maracanã no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, processo n. 1094-T-83, Liv. Arq./Etn./Psg. Nº inscr.: 125 ;Vol. 2 ;F. 016 ;Data: 26/12/2000.

### 3. A MODERNA ARQUITETURA DO ESTÁDIO

A frase final do parecer de Nestor Goulart “...o Maracanã tem a monumentalidade da massa que o utiliza, à qual representa. Não deve ser descaracterizado” levanta duas questões importantes. A referência à palavra “monumentalidade” indica não só a escala, mas algo construído que tem a intenção de sê-lo. Ainda em 1997, os pesquisadores do IPHAN assinalaram este fato, ao afirmarem que “o projeto arquitetônico apresenta particularidades audaciosas para sua época, no que se refere à concepção e técnica. Isto além de ter sido propositadamente construído como um monumento” [6].

Diante destes adjetivos, cabe a pergunta: qual a importância do projeto de arquitetura do Maracanã ?

Decidido o local do estádio, na zona norte, três comissões foram formadas até a escolha final do melhor projeto de arquitetura, com o de Oscar Niemeyer sendo derrotado. Em 29 de outubro de 1947, a Câmara aprovou enfim o projeto relativo à construção do estádio, apresentado pelos engenheiros-arquitetos, já citados, Miguel Feldman, Waldir Ramos, Raphael Galvão, Oscar Valdetaro, Orlando Azevedo, Pedro Bastos e Antônio Carneiro.

O projeto nasceu com a vocação de grande palco. A capacidade de 200.000 mil pessoas desafiou a tecnologia e as inovações construtivas. Em julho de 1948, quando a maquete do estádio foi oficialmente apresentada na Exposição Internacional realizada no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, a primeira impressão popular confirmaria a certeza de que o “templo do futebol” nascia. Depois, quando *Jules Rimet*, visitou as obras, comparou a construção do estádio ao Coliseu de Roma, “pela evocação de suas linhas e a majestade de sua concepção arquitetônica”. [7]



Relatos de não arquitetos já denotam o interesse da arquitetura do Maracanã, conforme descrição do Jornalista Sandro Moreyra em 1983, ao afirmar que “em 1948, os nossos estádios não iam além dos acanhados Pacaembu e São Januário. Mas futebol é coisa séria neste país. Logo meio mundo se mobilizou. E não se fez por menos: em dois anos, um tempo recorde, construiu-se o maior estádio do mundo...” [8].

E nada acanhado foi o Maracanã. Além de sua grandiosidade, é reconhecido até os dias de hoje por sua estética e ousadia projetual. A análise do projeto revela sua originalidade tipológica no país e, inaugura um novo ciclo para a história da moderna arquitetura de estádios no Brasil. A Fig. 4, abaixo, uma vista aérea, a escala monumental do estádio é facilmente reconhecida.



**Figura 4 – Vista aérea do Maracanã – Marquise em destaque**

Sua forma é marcada por um elipsóide interceptado no menor eixo por dois corpos alongados e sua marquise em balanço define o anel elíptico superior do Maracanã, e está integrada por um sistema de vigas e pilares que a valorizam formalmente.

Ou seja, a marquise em concreto é estrutural e definidora da forma do Estádio do Maracanã. As imagens utilizadas como ilustração em diversos momentos deste texto já mostram a força da presença formal deste elemento. Uma pesquisa iconográfica apontou, juntamente com as fotos aéreas, como as imagens mais recorrentes do estádio.

Se a marquise aparece com frequência como representação formal do estádio, há um outro elemento do projeto que foi muito valorizado em sua concepção: o espaço da “geral”. Trata-se de um espaço projetado para o público, sem degraus, mas com uma suave inclinação e vendido a preços acessíveis, o que permitia o acesso e entretenimento à população de baixa renda, além de ficar mais próximo ao campo de futebol. A Fig. 5, abaixo, mostra claramente o espaço da geral e sua importância enquanto espaço democrático.



**Figura 5 – O espaço da geral**



A criação deste espaço público fortalece a convivência entre várias classes sociais. Do ponto de vista sociológico, esta interação do projeto foi vista com muito interesse, uma vez que tratava-se de um espaço democrático inédito na historicidade dos estádios de futebol. Resgatava-se com isso a visualização do *genius loci*.

O *genius loci*, ou espírito do lugar, é um conceito romano, e é considerado como algo real, concreto, que faz parte da vida do homem, muito mais ligado ao caráter do lugar, do que à sua própria organização espacial. Está próximo à vida cotidiana do homem. Segundo Marisa Barda, “fazer arquitetura significa visualizar o *genius loci*: o papel do arquiteto é criar lugares significativos para ajudar o homem a habitá-los” [9].

Os arquitetos do Maracanã inovaram. A marquise e a geral valorizaram a concepção do estádio e contribuíram para a sua dimensão simbólica.

Nestor Goulart já havia tratado em seu parecer sobre a “dimensão simbólica” da arquitetura e urbanismo. Se entendermos que o Maracanã é um símbolo para a cidade do Rio de Janeiro, juntamente com o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar, é importante refletir que o entendimento de símbolo remete ao entendimento dos “signos” e seus constituintes: significantes e significados.

A “marquise” e a “geral” despontam como significantes por serem “parte” essencial da forma do Estádio do Maracanã que se tornou famoso internacionalmente.

A marquise, em balanço, integra-se à base da construção por um sistema articulado de vigas e pilares em ressalto, que a valorizam, priorizando-a como estrutura. A geral, pelo democrático exercício do amor ao futebol.

E foi, exatamente pela importância da marquise e pelo valor da geral (significantes), que se inicia a maior polêmica com relação às obras de reestruturação que o Maracanã sofreu para ser incluído como um dos estádios da Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil.

### 3. O DIÁLOGO COM AS TEORIAS DE RESTAURO

30 de outubro de 2007. A FIFA ratifica o Brasil como Sede da Copa do Mundo de 2014 !

Grande alegria para o povo brasileiro que aguardava, desde 1950, uma nova oportunidade de fazer a final e recontar aquela história... Claro, ninguém discutia o lugar. O Maracanã, nosso templo do futebol.

Esta notícia, estampada em todos os jornais, estava incorporada a um grande planejamento que incluía construções de novos estádios ou reformas de outros antigos. Começa neste momento a corrida contra o tempo e uma discussão sobre os princípios e recomendações patrimoniais.

No entanto, voltando no tempo, já em 1997 o governo estadual do Rio de Janeiro acenava com obras de maior vulto para o estádio do Maracanã. Mais do que uma simples conservação, a intenção era a realização de grandes reformas. O tombamento em 2000 foi uma resposta ao que estaria por vir.

A partir do tombamento sabia-se que nenhuma obra poderia ser realizada no estádio sem a oitiva do IPHAN. Em 1999, o então presidente do Iphan Carlos Heck, notifica o governo sobre o tombamento do bem e os efeitos previstos no Decreto-lei no. 25 de 1935, notadamente os artigos 17 e 18.



No entanto, três reformas realizariam intervenções/alterações importantes na configuração do estádio. Algumas discutíveis, outras não.

### **A primeira intervenção.**

Com a aproximação do Mundial de Clubes , a ser organizado pela FIFA, em 2000, houve, de certo modo, um acerto entre o Iphan e o governo estadual. Para atender a demanda da FIFA, que não permitia torcedores em pé, foram colocadas cadeiras nas arquibancadas , e mantinha-se a “geral”. Para tal, foi colocada uma plataforma “temporária” , para os jogos da FIFA. A marquise sofreu reparos e sob ela foram instalados camarotes. Por conta destas obras, o Maracanã deixou de ser o maior do mundo.

O Iphan entendeu que a “geral” não estava descaracterizada pela manutenção de ingressos a preços módicos, e pela preservação de sua forma elíptica. As cadeiras não alteravam a forma e atendiam a preceitos de segurança,e, os camarotes instalados foram considerados adições, sem comprometimento do espírito democrático do Maracanã.

Atendia-se aqui ao artigo 17 do DL 25 que aponta a necessidade de anuência do Iphan, sob pena de sanção, para qualquer alteração em bem tombado. Mas, cabe a reflexão sobre o que Nestor Goulart assinalou em seu parecer: “O Maracanã tem a monumentalidade da massa que o utiliza, à qual representa. Não deve ser descaracterizado”. Neste caso, o estádio foi descaracterizado já em sua primeira reforma .

### **A segunda intervenção.**

A segunda intervenção é justificada pelo fato da cidade do Rio de Janeiro ter sido escolhida como Sede para os Jogos Pan Americanos em 2007 . Para esta competição a “geral” foi finalmente suprimida. Em seu lugar foram colocadas 20.000 cadeiras e o campo de futebol foi rebaixado em 1,20 m para que este novo público sentado tivesse visibilidade do campo. Neste caso a descaracterização retirava o simbolismo do projeto inicial, uma vez que extingue-se o caráter democrático proposto, ao sinalizar a ausência das classes mais baixas no estádio em um futuro muito próximo. Na Fig. 6 a seguir, são observadas cadeiras azuis ocupando o espaço da geral:



**Figura 6 – A destruição da “geral” do Maracanã**

Quando pensamos em um bem tombado, a consciência de sua importância cultural pela sociedade já está definida. Qualquer reforma deve ter o cuidado de ser pensada dentro das premissas das conceituações das teorias do restauro. As obras foram autorizados pelo Iphan-RJ, apesar dos protestos da população.

Cesare Brandi, em seu livro Teoria do Restauro, define restauração como “qualquer intervenção voltada a dar novamente eficiência a um produto da atividade humana”[10] . Repensando o nosso estádio, cabe a reflexão: o que define a eficiência do Maracanã ? A proposta inicial de seus



arquitetos e engenheiros na busca por um espaço ocupado pelo povo, ou, uma nova proposta que não ratifica esta vontade ? Como se traduz esta eficiência ?

Talvez precisemos refletir melhor sobre a subjetividade das palavras “eficiência” e “descaracterização”. Embora o Maracanã não tenha sido inscrito no Livro de Tombo Belas Artes, o que talvez ampliasse o entendimento da manutenção de suas características edilícias, a eficiência pode ser pensada, segundo o próprio Brandi, como algo que é recriado todas as vezes em que é experimentado [11]. Neste caso, existe o juízo da experiência humana como medida de valor.

Ainda com relação à descaracterização, a Carta de Atenas é clara com relação ao cuidado que se deve ter com as camadas de tempo em uma obra de arte: “é recomendado o respeito pela obra histórica e artística do passado, sem que seja proscrito o estilo de nenhuma época” [12]. Embora esta lição seja importante para bens degradados ou destruídos, o que não é o caso do Maracanã quando desta segunda intervenção, em 2007, este postulado não deixa de ser um exercício para reflexão.

### **A terceira intervenção.**

Finalmente chegamos à 2011. O ano para não esquecer, marcado pela notícia da demolição da marquise do Maracanã, para a preparação do estádio para a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Apesar do tombamento federal, o Maracanã teve destruídas algumas de suas mais importantes características formais, em nome de adaptações para atender a estes três eventos esportivos.

Além da marquise, a demolição das arquibancadas de concreto para reconstrução com nova declividade (para eliminar pontos cegos) e alterações/demolições de paredes para reutilização dos espaços internos .

No entanto, e diante da importância da marquise, como já foi assinalada na descrição arquitetônica, a sua possível demolição levou ao clamor público e midiático. Inicialmente, especulava-se que o caderno de encargos da FIFA exigia a ampliação da área coberta dos estádios.

A primeira solução apontada era o uso de um toldo de policarbonato e aço apoiada na marquise. Após a solicitação de laudos a engenheiros da Universidade Federal de Goiás para apreciação das cargas, o relatório de conclusão não considerou a marquise como bem tombado, sugerindo uma nova estrutura sobre a marquise, que não suportaria o novo peso. Ou seja, a premissa da preservação da marquise não foi pensada.

Mas, A história é longa. Logo a seguir, os problemas da marquise foram desmentidos. Sua recuperação era necessária por estar sofrendo processo de deterioração. Mas a solução passava por reparos, e não destruição. Foi desmentida também a exigência do pedido de ampliação da cobertura pela FIFA. Ainda assim, a marquise foi demolida, com a anuência do Iphan, através do parecer de seu superintendente, o arquiteto Carlos Fernando Andrade, que não convocou o conselho consultivo.

Na sua aprovação, apontou “estar a marquise irremediavelmente condenada conforme laudos exarados por técnicos de ilibada reputação” [12]. O Iphan nada tinha a opor ao novo projeto que seria implantado pelo Estado. Uma decisão, que pela não convocação do conselho consultivo, pareceu ser unilateral.



É preciso lembrar que o Maracanã tem sua proteção regulada pelo decreto-lei 25. Tomba-se, neste caso, o bem material. Mas, talvez o fato de ter sido inscrito apenas no Livro de Tombo etnográfico tenha deixado frestas. O valor simbólico atribuído ao seu tombamento parece ter outorgado o direito do imóvel de internamente sofrer alterações, mantendo-se o seu invólucro. Como se o seu “simbolismo” fosse representado pelos seus limites. Mas, sabemos que o invólucro não resume a arquitetura. As dimensões sociais e espaciais são condicionantes importantes para a arquitetura.

O valor simbólico é representado pelo edifício em sua totalidade e, por isso, a manutenção do mesmo é a garantia da presença deste valor e do entendimento de que é patrimônio cultural. Não se pode esquecer que em uma construção, e qualquer que seja sua representação, tomba-se a materialidade. Ou seja, o tombamento sempre é do bem material.

Retomando a reflexão sobre as teorias de restauro, observa-se que o uso da expressão “dimensão simbólica” por Goulart permitiu ao Estado a argumentação equivocada de um tombamento “imaterial” do Maracanã, o que justificaria a sua descaracterização, preservando apenas a sua fachada. Perguntamos: qual a medida da revitalização nos edifícios modernistas? E por que tanta dificuldade em cumprir a legislação sobre bens tombados, considerando que estão alinhadas com as teorias do restauro?

Nesse sentido a teoria do restauro oferece parâmetros para o reconhecimento dos “bens de interesse” para a preservação e o modo de atuar sobre eles. Mas, para que evolua conceitualmente, torna-se necessária a criação de instrumentos para melhor percepção dos testemunhos patrimoniais de épocas mais recentes da história, especificamente a arquitetura moderna no século XX, que sofre silenciosamente a ação do tempo, seja pela falência de sua matéria ou pelo legado de testemunhar o crescimento desumano de seu próprio tempo.

A configuração formal do estádio foi alterada com a demolição da marquise e a supressão da geral. Foram extintos os dois maiores significantes do estádio, como pode ser observado na figura. 7 abaixo:



**Figura 7 – Vista interna do Maracanã, com a nova cobertura.**

#### **4. CONCLUSÃO**

É chegada a hora da conclusão. Mas como pensar em algo que contribua se as demolições foram consumadas e há uma cobertura tencionada no lugar da marquise, que não guarda nenhuma relação de semelhança com ela? A anuência do Iphan pautou a atitude do governo e em poucos anos tudo será memória. Mas, conceitualmente, torna-se necessária a criação de instrumentos para melhor percepção dos testemunhos patrimoniais de épocas mais recentes da história, especificamente a arquitetura moderna no século XX.



Max Dvorak, na publicação “Catecismo da Preservação de Monumentos”, classifica os perigos que ameaçam os antigos monumentos em 4 grupos: “ 1. na ignorância e na negligência; 2. na cobiça e na fraude; 3. nas idéias equivocadas a respeito do progresso e das demandas do presente; 4. na busca descabida de embelezamento e renovação, na falta de uma educação estética, ou numa educação estética equivocada “ [13]. É necessário que haja uma reflexão sobre os itens 1 , 3 e 4 quando tratamos do Maracanã como estudo de caso.

Novos tempos surgiram e novas demandas apareceram. Do mesmo modo, a unilateralidade das decisões em intervenções em bens tombados, pode levar ao desconhecimento ou ignorância de algumas informações. Bens tombados exigem decisões e pareceres em conjunto, assim como as teorias/conceitos de restauro que vão ser aplicadas nas também o exigem. Estes olhares contribuem para que seja construída uma educação estética adequada. Aliás, Estética, enquanto teoria dos valores, traz uma carga subjetiva que por si só exige muito conhecimento filosófico. A restauração também é um exercício filosófico.

O Maracanã não sofreu uma reforma, e sim, uma destruição, considerando os valores democráticos inéditos incorporados na “geral” . A “marquise”, enquanto elemento estrutural também define a forma através de sua forte carga simbólica, como já foi demonstrado anteriormente.

Considerando que o Maracanã é o único estádio brasileiro tombado pelo Iphan, ainda podemos recorrer a Cesare Brandi [14], quando fala sobre a “Unidade potencial da obra de arte”. Neste ensaio questiona se “devemos, de início, sondar se é impreterível atribuir caráter de unidade à obra de arte e, precisamente, a unidade que concerne ao *inteiro*, e não a *unidade* que se alcança no *total*.”. Neste caso, cabe uma nova reflexão se devemos e como devemos atribuir ao Maracanã este conceito de *unidade* ou *inteiro*.

Neste caso, seguindo a analogia de Brandi, se as *partes/unidades* do Maracanã (a obra de arte em questão) são independentes e, como tal funcionam como obra de arte, e que a “partição tem valor de ritmo”, seu valor individual é perdido, não funcionando como *inteiros*, para serem reabsorvidas pela obra de arte que a contém.

Dentro desta reflexão, a demolição da “marquise” e da “geral”, *unidades* do estádio, tornaram a obra menor, retirando dela o valor cultural reconhecido e sacralizado pela sociedade. **Aquele Maracanã, tombado em 2000, não existe mais.**



## REFERÊNCIAS

---

### Notas

- [1] COELHO, Olinio Gomes P. Do Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, 1992, p.7  
[2] Idem, ibidem, p. 7  
[3] Idem, ibidem, p. 31  
[4] Claudia Girão é arquiteta e urbanista do IPHAN e foi Chefe da Divisão de Estudos de Acautelamento do então Departamento de Proteção do IPHAN no período 1995-2001.  
[5] Nestor Goulart Reis Filho. Historiador, Professor Titular FAU-USP.  
[9] BARDA, Marisa. Espaço (Meta) vernacular na Cidade Contemporânea. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.35  
[10] BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. Trad. Beatriz Mugayar Kuhl. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 26.  
[11] Idem, ibidem, p.28.  
[12] COELHO, Olinio, Gomes P. Idem, p. 82  
[13] DVORAK, Max. Catecismo da Preservação de Monumentos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p. 67.  
[14] BRANDI, Cesare. Idem, ibidem., p. 42

### Figuras

- Fig. 1 – <http://cariocadorio.wordpress.com/2009/11/11/o-estadio-municipal/>  
Fig. 2 – <http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=17344>  
Fig. 3 – <http://www.flamengo.com.br/site/galeria/detalhe/11/a-maior-torcida-faz-a-diferenca>  
Fig. 4 – <http://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4225>  
Fig.5 – <http://comitepopulario.wordpress.com/2012/04/12/marcelo-freixo-o-fim-da-geral-da-maracana-foi-um-atentado/>  
Fig. 6 - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Maracan%C3%A3>